

## TÉCNICA E EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A HUMANIZAÇÃO DO SER NA VISÃO DE FREIRE E GASSET

Alisson Juan Marcondes dos Santos <sup>1</sup>  
Reginaldo de Oliveira Coelho <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho propôs uma reflexão sobre o conceito de educação e o da técnica, ao considerar a base existencialista apoiada no referencial de Paulo Freire e Ortega y Gasset. Nesta reflexão buscou-se analisar a relação entre a percepção do que humaniza o homem e aquilo que o constitui em sua humanidade, ou seja, para o primeiro, o ser-mais; para o segundo, a pretensão de ser. Utilizou-se como método a pesquisa qualitativa com forma de revisão integrativa dos principais conceitos elencados pelos autores selecionados. Assim, obteve-se como resultado a compreensão de que a técnica intrincada à educação deve estar apoiada na direção da humanização do ser humano, de modo que a partir do uso crítico, consciente e transformador do conhecimento, o sujeito possa se mover em direção à pretensão de ser, ao seu próprio projeto, engajado de forma autêntica no desvelamento de seu estar no mundo e com o mundo. Conclui-se, com a pesquisa, que a perspectiva existencialista dos autores corrobora, em grande medida, na atuação do sujeito como um ser que é responsável por construir e reconstruir o sentido da humanização de sua própria existência, e que a educação é processo indispensável para a consciência crítica e ampla sobre a cultura e os valores constitutivos da humanidade nos sujeitos.

**Palavras-chave:** Técnica, Educação, Humanização, Projeto, Existencialismo.

### INTRODUÇÃO

Embora Gasset (1963) não tenha se debruçado diretamente sobre o fenômeno da educação, sua análise sobre o conceito da técnica se estreita de tal modo com caracteres do processo educativo que se pode pensar sobre a existência de uma relação entre esses termos, segundo Bessa (2017), não como habitualmente se faz, evocando a técnica como instrumento tecnológico, embora também isso seja parte do objeto de investigação da filosofia existencial, mas sim, considerando a técnica como prática humana que transforma a natureza e cria aquilo que ainda não existe para obter seus próprios meios de existência.

---

<sup>1</sup> Pós-graduando do Curso de Docência no Ensino Básico do Instituto Federal de São Paulo - SP, [alisson.juan@aluno.ifsp.edu.br](mailto:alisson.juan@aluno.ifsp.edu.br);

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela UNICAMP, Professor do Curso de Docência no Ensino Básico do Instituto Federal de São Paulo - SP, [regislibras@ifsp.edu.br](mailto:regislibras@ifsp.edu.br);

Parte dessa compreensão sobre a relação da técnica com a educação deve-se ao fato de que a base da filosofia existencialista presente em Gasset (1963) também se faz marcante em outros autores que se consagraram no campo da educação e, ao se tomar Paulo Freire (1967) como autor de referência para compreender o fenômeno da educação, pode-se refletir sobre as diferentes dimensões que se instaura na consciência humana sobre sua maneira de existir no e com o mundo.

Diante disso, o trabalho apresenta o objetivo de analisar tais conceitos e integralos, de modo a suscitar as consonâncias e os afastamentos entre as percepções dos autores, percorrendo um caminho através dos caracteres apresentados pela perspectiva de cada um, ampliando a compreensão sobre a pergunta: como é que a técnica e a educação se relacionam na constituição da subjetividade do ser?

Por fim, o trabalho intenta alcançar aproximações que constituem a existência do ser através da técnica e da educação, partindo da reflexão de que ambos os conceitos carregam de forma significativa a base da filosofia existencialista que acaba por orientar o pensamento exposto.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada neste trabalho foi o levantamento bibliográfico de textos clássicos referentes à educação e à técnica, representados principalmente através da “Educação como Prática de Liberdade” de Paulo Freire publicado em 1967 e “Meditações sobre a Técnica” de Ortega y Gasset publicado em 1963. No entanto, contou-se com outros textos desses autores, bem como, utilizou-se artigos científicos que auxiliavam no estreitamento e na confluência dos conceitos apresentados por eles, evidenciando-os no processo educativo.

De tal modo que, a pesquisa se organiza a partir do método qualitativo de base integrativa, evidenciando uma posição filosófica existencialista dos fenômenos analisados considerando, desta maneira, o critério de busca, organização e seleção dos textos utilizados, a própria abordagem dos autores frente à análise feita. Foram utilizadas as plataformas de busca às bibliotecas digitais: SciELO (Scientific Electronic Library Online), SemanticScholar e Scopus. Por fim, realizou-se proposta uma análise integrativa dos conceitos e perspectivas apresentados, de modo que relacionassem o conceito da técnica e da educação com o próprio sentido do ser e de sua humanidade.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Paulo Freire(1987) na sua obra “Pedagogia do Oprimido” compreende que a educação se consolida a partir de uma práxis, ou seja, uma atividade humana dotada de criticidade, de consciência verdadeiramente engajada com seu estar no mundo e com o mundo, portanto, nessa visão, a educação é movimento de conscientização e transformação da realidade integrando os sujeitos e o mundo na direção do ser-mais que é a vocação ontológica do sujeito.

Assim, para compreender nessa visão o conceito de educação, Marques e Rodrigues (2019) apontam a inclinação de base existencialista marcante no entendimento de Freire sobre o processo educativo, de modo que, segundo os autores, para compreender a educação como processo de conscientização e transformação da realidade é necessário se apropriar previamente do conceito de consciência com que Freire trabalha. Desse modo, Freire (1987) propõe que a consciência é intencional, uma vez que se caracteriza por ser sempre ‘consciência de’, ou seja, está sempre em relação a algo. Conseqüentemente, a propriedade objetiva dos objetos só se constitui a partir da intencionalidade, portanto, “a consciência se constitui necessariamente como consciência do mundo, ela é, pois, simultânea e implicadamente, apresentação e elaboração do mundo” (FREIRE, 1987. p. 9).

Com isso, Sartre (1993), inspirando o entendimento freiriano, parte do entendimento que o homem, como ser de consciência intencional, é constituído e constitui o mundo simultaneamente e de forma indissociável e, dessa maneira, a subjetividade se constitui na intersubjetividade, portanto, a consciência é forjada pela vivência, pela a ação do sujeito *com* o mundo e *com* o outro (ALMEIDA, RUFINO, 2018). Freire (1987) vai dizer, então, que a objetividade do mundo não mais se apresenta ao sujeito como mero estímulo a ser passivamente respondido, mas sim, como desafio, e esse desafio é que move o sujeito a desvelar aquilo que, apesar de não ser si-mesmo, o constitui como ser de relação, anunciando aos homens a responsabilidade pelo compromisso e engajamento com seu estar no e com o mundo.

É, portanto, nessa relação do ser com o mundo e com o outro, que o sujeito se constitui como um ser de práxis, pois é através de sua ação no mundo, desafiada por este, é que se move para desvela-lo e desvelar a si-mesmo, conscientizando-se,

humanizando-se, biografando-se e existencializando-se, ou seja, transformando sua realidade (FREIRE, 1967). Com isso, Freire (1987) pensa que ao ser constituído com e pelo outro, não se pode isoladamente gozar de liberdade, de autonomia, e de consciência, mas sim, mediatizado pelo outro. Diante disso, “colocar em ato a sua possibilidade de transformar o mundo, que também implica ser transformado por ele, é não só seu direito, mas seu dever, uma vez que é através dessa práxis que ele realiza a sua dimensão dialogal e histórica” (OLIVEIRA, CARVALHO. 2007. p. 220).

Dessa maneira, segundo Freire (1987) a práxis é constituída de uma ação reflexiva, ou seja, de uma consciência crítica apropriada da condição de desvelamento de si e do mundo, que atua engajada em se mover no mundo e, conseqüentemente, mover o próprio mundo. No entanto, ele afirma também que é necessário um compromisso mútuo entre a ação verdadeiramente transformadora com a consciência autenticamente crítica. Diante disso, Freire (1967) explicita que a educação deve ser libertadora, pois é processo de concretização da práxis, ou seja, é através da educação que a consciência se torna realmente crítica, e que a ação humana se mostra verdadeiramente engajada, do contrário, o homem tem sua realidade invertida, diluída e oprimida a partir de um processo de desumanização que o coisifica, tornando sua existência acrítica, portanto, nada transformadora.

Assim, Freire (1967) elucida que a educação é um processo que mediatiza o movimento da criticidade na consciência, e nesse sentido, Freire evidencia que esta pode se manifestar em três níveis de abertura para o mundo, isso devido à compreensão que por mais desumanizada que seja a situação de uma pessoa, ela não se constitui como um ser fechado em si mesmo, ela sempre será um ser aberto para o mundo. E, diante disso, ele apresenta tais dimensões da consciência como: a) a intransitividade, que se refere a uma condição em que o ser vive um responder às necessidades quase que apenas vegetativas do seu estar no mundo; b) a transitiva, ou seja, que está em trânsito, mas em um primeiro momento se apresenta imbuída num pensando fantasioso, mítico, sectarista, e, portanto, uma consciência ingênua caracterizada pelo quase descompromisso com a vida e com a realidade; c) a consciência crítica que se constitui e se expressa no reconhecimento e no engajamento de sua existência, assumindo assim, a dimensão da práxis em sua autêntica relação com o mundo e o outro. Portanto, Moreira e Rosa (2014), salientam de forma explícita que só a partir do processo educativo, é que Freire acredita ocorrer a criticidade da consciência, logo, o processo de

conscientização, portanto, é a possibilidade do ser se constituir como sujeito de práxis e expressar a condição ontológica de sua existência, ou seja, a vivência comprometida, autêntica e transformadora da realidade, tornando-se verdadeiramente humano e experienciando o ser-mais.

Desse modo, Júnior e Nogueira (2012) afirmam que a educação na visão freiriana é um processo educativo de conscientização do ser, que necessariamente deve ocorrer para levar o sujeito de uma consciência transitiva ingênua, o quase descompromisso com sua condição ontológica de ser-mais, a uma consciência crítica, o engajamento verdadeiramente ativo em relação ao desvelamento do mundo e à transformação deste. Ou seja, os autores aludem que a educação é a mediação da consciência do ser de um estado para outro, da intransitividade para a criticidade, em direção à práxis, de modo que ela é a expressão da vocação ontológica do ser, é, pois a condição humanizante do homem em relação ao mundo e aos outros, é aquilo que o subtrai da condição de coisa e o introduz em sua liberdade para ser-mais, para ser, por fim, humano.

Dessa maneira, ao considerar a educação como processo que humaniza o homem, pode-se estreitar tal perspectiva às propostas de Ortega y Gasset (1993), outro autor com bases existencialista em seu pensamento, que vai refletir o conceito da técnica como aquilo que instaura o humano no homem, portanto, pensa a técnica como indissociável deste.

Por assim ser, ao analisar a afirmação do homem como um ser técnico, se imbrica na profundidade do que pensar em seu uso instrumental dos aparelhos tecnológicos. O homem, segundo Gasset (1963), é sinônimo de técnica, pois é através dela que ele se integra ao mundo. Nesse sentido, é importante compreender que essa integração com o mundo revela um dado importante sobre esse ser, pois explicita que o homem não é extensão do mundo, não é mera continuidade da natureza e, portanto, não é respondente passivo das circunstâncias objetivamente naturais às quais o mundo lhe impõe.

Com isso, Gasset (1963) afirma que o homem não é um ser que se adapta a natureza, mas o contrário, é um ser que age e transforma a natureza. Portanto, o autor afirma que o homem não é uma coisa que tem em seu ser o que já há pronto ali – já é dado na natureza –.Ao contrário, o homem é sua pretensão de ser, é justamente o que ainda não é. É, então, projeto de ser. Ou seja, o autor propõe que o homem não se

alimenta, simplesmente para viver, mas sim, para sustentar as possibilidades, de viver bem. Com isso, o “homem não tem empenho algum por estar no mundo. No que tem empenho é em estar bem” (GASSET, 1963. p.21), o que implica a agir no mundo produzindo sua própria existência que, segundo o autor, é sempre sobrenatural. E, nesse ponto, a técnica é que permite ao homem transformar a natureza, existir sobrenaturalmente, e produzir o novo, o que não existe, e nessa produção, fazendo-se humano, humanizando-se na busca pelo bem estar, o que o autor denomina de superfluidade.

Diante disso, o homem não tem mais em sua vida natural sua necessidade original, o homem é desafiado a ser mais do que um respondente vegetativo de sua vida. Agora, é o supérfluo que sustenta seu estar-bem no mundo, que vai, também, originar suas necessidades humanas, “essa superfluidade é compartilhada por quase todas as questões que se referem verdadeiramente ao humano no homem” (GASSET, 1963. p.35). Logo, viver se torna, segundo o autor, uma maneira de encontrar os meios para realizar sua pretensão de ser, seu projeto. Ora, a vida humana se torna, então, uma luta minuto a minuto para ser o que se é, para ser si-mesmo, produzindo a si e a suas necessidades, que são ilimitadamente variáveis.

Então, o autor propõe que o desejo originário e autêntico do indivíduo é ser-si-mesmo, e esse desejo antecede a técnica, é pré-técnico, pois é no ato da técnica que o homem se encontra com seu ser integrado ao mundo. Esse mundo, por sua vez, lhe apresenta facilidades e dificuldades para ser si-mesmo. Então a técnica, como transformação da natureza, vai se tornar sinônimo de homem quando junto dele adapta o meio às suas necessidades humanas, que caminham em direção a seu desejo originário, seu projeto de ser. Logo, Gasset (1963) conclui que o projeto, como pretensão de ser, suscita a técnica, e esta, por sua vez, transforma a natureza. Assim o homem técnico luta diariamente para existir e ser si-mesmo.

Portanto, na visão de Gasset (1963), a técnica integra o homem ao mundo, possibilita-o de agir e transformar a realidade em direção a sua pretensão de ser. No entanto esse projeto humano não está solto no mundo, mas intrincado com circunstâncias que se relacionam com as determinações de seu povo, de sua época e de suas condições individuais de existência.

Nesse sentido, Carvalho e Tomaz (2018) salientam que, na visão de Gasset, quando se pensa o homem na modernidade, acaba-se por se concluir que tal indivíduo

desenvolve um novo perfil de humanidade atrelado ao progresso ilimitado da técnica. Essa ocorrência, segundo os autores, impele ao homem a característica da especialização do conhecimento e, assim, o sujeito como homem-massa, acaba por se apartar da interpretação integral da cultura, da época e do povo com o qual vive e se comporta de modo à simplesmente desfrutar do conforto da técnica e das benesses por ela oferecidas. Ou seja, Gasset (1963) propõe que a exacerbação da técnica faz com que o homem se descole de sua pretensão de ser e se introduza no fluxo infinito do progresso tecnicista assumindo propriedades de um homem-massa.

Assim, ao considerar o pensamento de Gasset (1963) tem-se que a técnica é aquilo que humaniza o homem no momento que integra seu ser ao mundo possibilitando que ele aja em direção a sua própria pretensão de ser, mas que em determinado momento da história, Carvalho e Tomaz (2018) aludem que na passagem do homem moderno para outro que ainda está se estabelecendo, o desenvolvimento técnico acaba por atingir uma dimensão de especialização que impele este homem à condição de massa, ou seja, aparta o indivíduo de seu projeto e o retira da excelência cultural, da capacidade de refletir sobre os conceitos éticos, sociais e estéticos que compõe a vida humana.

Por fim, diante de tais meditações se pretende nesse trabalho aproximar o conceito da técnica com o da educação, de modo a perceber consonâncias no que condiz a capacidade humanizadora de tais conceitos, bem como refletir dentro da visão de Gasset e de Freire a posição do homem no mundo como ser de autoconstrução e de transformação de sua existência, de seus valores e de seus projetos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao considerar a base existencialista da filosofia que contempla o conceito da educação e da técnica apresentados por estes dois grandes estudiosos, Paulo Freire e Ortega y Gasset, pode-se analisar algumas aproximações quanto à compreensão daquilo que constitui a humanidade no homem, o seu projeto como pretensão de ser ou como dever, a capacidade transformadora movida pelo sujeito em relação integrada com o mundo, o próprio desafio de estar no mundo e, por fim, analisar o desenvolvimento da educação como caminho para humanização dos homens.

Com isso, o primeiro estreitamento entre os autores é a percepção em que o homem é com o mundo, ou seja, está em uma relação íntima, indissociável, seja através da intencionalidade da consciência como mediação indispensável entre a relação da objetividade no subjetivo, ou seja pela percepção de que o homem não pode existir no mundo se não por intermédio da técnica, que media seu ser àquilo que é objetivamente natural, como por exemplo, seu próprio corpo (GASSET, 1963; TRINDADE, 2018). Logo, o que essas afirmações propõem é que o homem não está avulso em sua relação com o mundo, ou seja, o homem está indispensavelmente aplicado ao mundo, e portanto é evocado em suas circunstâncias a se comprometer com tal condição.

Dessa maneira, Freire e Gasset também corroboram que essa relação indissociável do sujeito com o mundo se explicita através de certo desafio da existência. A visão freiriana afirma que o homem não é mero ser passivo que corresponde aos estímulos da vida, pelo contrário, a vida lhe apresenta como desafio de desvelamento da realidade de si mesmo e do mundo, e é estritamente necessário o engajamento com seu estar no mundo ativamente, enquanto que Gasset alude que entre as dificuldades e facilidades objetivamente naturais que a vida propõe ao homem, cabe a este não apenas responder tais necessidades imbuídas pela natureza, mas também que o homem é em seu ser, sobrenatural, pois mediatizado pela técnica ele tem a possibilidade de transformar e criar o que não é dado pronto no mundo.

Ou seja, ambos os autores propõe que a relação do sujeito com o mundo é de compromisso com sua própria existência, e esse engajamento é explícito na sua possibilidade e responsabilidade de transformar a realidade que o circunda. Nesse sentido, Gasset (1963) explica que são os próprios sujeitos que criam suas necessidades instauradas a partir da mediação da técnica, na relação homem/mundo, contudo Carvalho e Tomaz (2018), ao analisarem o pensamento de Gasset, afirmam que em dado momento da modernidade a técnica alcança uma elevação que acaba por suplantar o projeto humano em relação à correspondência dos artifícios tecnológicos e suas benesses, assim, o homem se empobrece da integração cultural que o compõe e se elenca unicamente ao progresso técnico.

Nesse sentido, Jacques Ellul (1968), filósofo que também se debruçou sobre o tema da técnica, analisa com mais enfoque este progresso em seu livro 'A Técnica e o Desafio do Século'. Segundo Ellul (1968) esse progresso acaba por expressar certo automatismo do desenvolvimento técnico, ou seja, a lógica que tece a realidade e o

mundo passa ser a da tecnologia, logo da eficiência máxima em todos seus desdobramentos de sua existência. Diante disso, o homem é sobposto a técnica e isso significa que sua ética, estética, cultura e singularidade também se tornam valores memorizados, senão, desprezados.

Embora Gasset (1963) não tenha vivido a emergência tecnológica virtual de forma tão intensa quanto Ellul, ele afirma que tal elevação da técnica poderia culminar na própria incapacidade humana de saber o que se é. Assim, de acordo com Carvalho e Tomaz (2018) a poderosa capacidade técnica não serviria de nada ao homem, pois na perda de sua identidade quanto ser humanizado, não lhe sobraria possibilidade de ser autenticamente, sua própria pretensão de ser, assim suas faculdades éticas, culturais e estéticas dissipariam em prol do valor da técnica e o sujeito se evidenciaria como homem-massa.

Diante disso, tanto Gasset quanto Freire refletem sobre o homem poder estar, em dada medida, se apartado de sua humanidade. Como visto até então, Gasset (1963) atribui isso a superelevação da técnica e o desvanecer da cultura e dos valores que constitui o homem. Freire (1987), em sua visão marxista, atribui tal desumanização a partir de uma ideologia dominante de opressão, que constitui as relações sociais que coisificam os homens. Isso quer dizer, segundo Rambo (2018), que para Freire a ideologia neoliberal impele os sujeitos a uma apassivação de suas consciências e, por conseguinte, uma consciência acrítica e irreflexiva que não é capaz de transformar a realidade, portanto, não é engajada com seu estar no mundo e com o mundo.

No entanto, para Freire (1967) a vocação ontológica do ser humano é a humanização, é o ser-mais, portanto, é a vivência da práxis tanto de maneira reflexiva quanto ativa na transformação do mundo. Assim como na visão de Gasset (1963), o homem se diferencia de uma coisa, pois tem em seu ser algo que não é dado na natureza, algo pelo qual deve buscar tornar-se, pois seu ser é aquilo que ainda não é, é sua pretensão, o homem é então o seu projeto em movimento, por isso o ser do homem está na relação deste com a natureza, de modo sobrenatural, pois o homem não concete passivamente às objetividades naturais, mas age, criando e recriando suas condições de existência transformando o mundo e humanizando ele.

Dessa forma, o homem humanizado é aquele que está em movimento, aquele que constrói sua existência e que é práxis. Com isso, Freire (1996) afirma que o homem em seu existir está em movimento contínuo a fim de tornar-se sujeito, portanto sua

existência é seu devir, seu vir-a-ser, que, em consonância com Gasset (1963), apresenta seu desejo mais autêntico, o de ser-si-mesmo. Logo, o homem é práxis, ação e reflexão que além de mover a si mesmo também move ao outro e ao mundo, pois está em uma relação indissociável com estes, seu projeto, então, é humanizado na medida em que o sujeito é capaz de desvelar sua existência, reconhecendo a si e ao mundo, criando e recriando suas circunstâncias existenciais.

Diante disso, Freire (1967) explica que a práxis, a partir da consciência crítica de mundo, demanda um processo educativo, que ele chama de conscientização. Quanto mais consciente de si-mesmo e do mundo o ser é, maior sua possibilidade de transformar o que o circunda. Carvalho e Tomaz (2018) ao analisarem o conceito de educação a partir das propostas de Gasset compreendem que tal desenvolvimento implica em um processo educativo de excelência, ou seja, que intenta a vivência autêntica do projeto vital, da pretensão de ser do sujeito, portanto, da sua capacidade de ser-si-mesmo, logo ao considerar o homem técnico submetido ao poder tecnocrático, não se apresenta um modelo de educação adequado, pois no aprimoramento e na crença sobre a técnica, o homem reduz sua existência, perde de vista seu projeto, se distancia de ser-si-mesmo, e rompe com seu compromisso com as circunstâncias de seu povo, de seu tempo e de sua realidade.

Logo, fica evidente que a educação se apresenta como limiar que conduz o ser à consciência de si-mesmo, de modo que é a partir desse movimento, dotado de criticidade e do existir autêntico dos sujeitos, que os homens se constituem como ser de práxis, por conseguinte, sujeitos de construção e reconstrução dos meios para sua própria existência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo da relação entre a técnica e a educação sustentados em uma visão existencialista permitiu nessa pesquisa a aproximação entre diferentes caracteres desses fenômenos, bem como a compreensão da humanização a partir da perspectiva de Paulo Freire e de Ortega y Gasset.

Pensar o processo educativo é evocar a dimensão de trânsito da consciência, de modo que ela saia de um grau de intransitividade para um movimento ingênuo que, a partir da concretização da educação, alcança a criticidade. Essa consciência crítica é que

possibilita ao homem reconhecer o mundo e seu estar no mundo e com o mundo, e através desse reconhecimento, permite engajar-se em transformá-lo através da praxis. Por outro lado, na visão de Gasset o homem é mediado pela técnica para atingir seu ser, ou seja, para transformar a natureza e aquilo que há pronto nela, em algo que ainda não existe e isso quer dizer que o homem tem em seu ser aquilo que ainda não é, portanto, o homem é sua pretensão de ser.

O sujeito como práxis e como pretensão de ser, é expressão do homem em seu devir, seu vir-a-ser, sua condição de movimento contínuo para tornar-se si-mesmo. Assim, seu projeto de ser é mediado seja pelo processo educativo ou pela técnica, em direção à humanização de si em relação com o mundo e com os outros. Logo, o projeto de ser é que deve ser indispensavelmente humanizado – pois do contrário o homem se coisifica e encontra em seu ser apassivado um agente responsivo aos estímulos que o meio lhe propõe –, e deve também voltar-se para o comprometimento consigo e com o mundo, de forma que sua existência seja para ele desafiante nas mais diversas dimensões e campos de sua experiência, tais como: culturais, éticas, estéticas, valorativas, etc.

Por fim, o que se observou ao longo do trabalho é que a mediação da técnica e da educação em relação aos modos de existir do homem humanizado, quando se expressa como ser em processo de tornar-se, é que deve existir uma consciência dinâmica e totalizadora, que desvela a realidade e a transforma, na medida em que transforma a si mesmo, pois aquilo que concerne ao ser é, também, exatamente aquilo que não lhe é dado, senão, como desafio para pretender ser, portanto, o sujeito apresenta como orientação, tendência e vocação, sempre aquela pretensão de ser o que não é, mas que pode vir-a-ser, logo, pretensão de ser-mais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. G. R.; RUFINO, E. A. Perspectiva Terapêutica da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire: uma leitura fenomenológico-existencialista. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 2, n. 1, p. 38-46, 2018.

BESSA, V. C. Ortega y Gasset, uma crítica de razão pedagógica. **Revista Estudos Filosóficos UFSJ**, n. 2, 2017.

CARVALHO, J. M.; TOMAZ, M. S. C. Ortega y gasset, uma filosofia da educação para um mundo tecnicista. **Educação e Saúde: fundamentos e desafios**, v. 1, n. 1, p. 6-21, 2018.

ELLUL, J. A Técnica e o Desafio do Século. Rio de Janeiro: **Editora Paz e Terra**, 1968.

FREIRE, P. Educação como Prática de Liberdade. São Paulo: **Editora Paz e Terra**, 1967.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: **Editora Paz e Terra**, 1987.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Editora Paz e Terra**, 1996.

GASSET, J. O. Meditação sobre a técnica. Rio de Janeiro: **Livro Ibero-Americano**, 1963.

JÚNIOR, E. S. M.; NOGUEIRA, M. O. A humanização do ser humano em Paulo Freire: a busca do “ser mais. **Formação@ Docente**, v. 3, n. 1, p. 15-30, 2012.

MARQUES, S. C. M.; RODRIGUES, M. R. Educação como conscientização em Paulo Freire. **Revista de Ciências da Educação**, p. 197-213, 2019.

MOREIRA, J.; ROSA, M. S. T. Educação libertadora e liberdade existencialista: um encontro entre Paulo Freire e Jean-Paul Sartre. **Acervo Paulo Freire**, 2014.

OLIVEIRA, P.C; CARVALHO, P.. A intencionalidade da consciência no processo educativo segundo Paulo Freire. Ribeirão Preto: **Paidéia**, v. 17, p. 219-230, 2007.

RAMBO, R. A. Emancipação na perspectiva de Paulo Freire. **Revista IBC**, 2018.

SARTRE, J. P. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: **Vozes**, 1997.

TRINDADE, M. A. O conceito de “ser mais” em Paulo Freire e a relação professor-aluno. **Paulus: Comfilotec**, v. 7, n. 4, 2018.